



O NINHO DA SERPENTE – AUTRAN DOURADO NOS ARQUIVOS DA BIBLIOTECA DE JOÃO LUIZ LAFETÁ

Osmar Pereira Oliva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?
Gênesis 3:1

Resumo: O crítico montesclarenses João Luiz Lafetá foi convidado pela Editora Global para selecionar, organizar e fazer a apresentação dos melhores contos de Autran Dourado. Para esse fim os dois autores estabeleceram um diálogo por meio de cartas, nas quais discutem o fazer literário e os procedimentos narrativos da ficção do autor de *Ópera dos mortos*. Este trabalho aponta, também, a presença de quase todos os livros de Autran Dourado na biblioteca de João Luiz Lafetá, com dedicatórias do escritor, algumas marcas de leitura do crítico e um esquema manuscrito do ensaio “Uma fotografia na parede”.

Palavras-chave: Autran Dourado, João Luiz Lafetá, crítica literária, arquivos, correspondências

Abstract: The critic João Luiz Lafetá was invited by the Global Publisher to select, organize and make the presentation of the best tales Autran Dourado. To this end the two authors have established a dialogue through letters in which to discuss the literary and narrative procedures of fiction the author of *Ópera dos mortos*. This work also indicates the presence of almost all the books Autran Dourado in the library of João Luiz, with dedications of the writer, some reading notes of the critic and the manuscript of an essay "Uma fotografia na parede."

Palavras-chave : Autran Dourado, João Luiz Lafetá, criticism, literary archives, letters

1 O ninho da serpente

Nascido no sertão norte-mineiro, acostumado às incursões pelas matas, pelos seus grotões e pelos seus riachos, jamais me deparei com um ninho de serpente, apesar de conhecer diversas de suas espécies. Hoje, perguntei-me onde ficariam esses supostos ninhos e lembrei-me do livro de *Gênesis*, no qual



se narra a história da sedução de Eva, do seu envenenamento e das consequências de sua fraqueza.

Em sua prudência natural – a serpente possui um corpo adaptável, que assume a conformação mais ideal para chegar aos objetivos – essa primeira sedutora adotou uma postura filosófica, detentora também da linguagem, suspendendo o conhecido por Eva como Verdade para instaurar a dúvida. Por meio da interrogação, ao lançar mão do discurso dAquele mesmo que o proferiu originalmente, a serpente parodia a fala de Deus e inocula em Eva o veneno do desejo de comer o fruto até então proibido. Essa *performance* pode ter sido precedida pela fascinação que o seu corpo elegante, esguio, brilhante, produziu ao olhar de Eva: olhar no olho, penetrar, seduzir. Quantos silêncios e disfarces lícitos em meio às ramagens de um jardim florido a serpente não elaborou para enredar com a sua astúcia – requintes da prudência – os primeiros habitantes do Éden!

Fascinada, seduzida, envenenada, que fez a mãe bíblica da humanidade? Aprendeu e reproduziu os mesmos artifícios de seu mestre, aplicando-os em seu companheiro. Vemos, portanto, uma imagem da sedução como um jogo em cadeia.

Retorno a minha infância e rememoro as primeiras histórias que me fascinaram, produzindo tanto impacto e marcas em minha imaginação. E minha humilde casa sem livros escritos, nas noites de chuva ou à beira do fogão a lenha, escuto a voz de minha mãe contando histórias de família, de amor, de ódio, de mortes, de festas, de rezas e outras terríveis, de assombração. Ouço ainda a minha avó, a caminho da roça, a pé, ou já em sua casa, contando histórias semelhantes e com a mesma fascinação. Depois vieram as minhas professoras das primeiras séries, as quais reservavam a sexta-feira para o dia de contar uma história – que espera maravilhosa! Que dia especial! Minha mãe, minha avó, minhas professoras, descendentes da ancestral serpente, fazendo ninhos invisíveis em minha vida.

Já adolescente, frequentei com muita assiduidade a Biblioteca Adelaide de Medeiros, onde os livros eram escolhidos em arquivos de madeira, por meio



de pequenas fichas catalográficas organizadas em ordem alfabética de autores. Vejo minha ficha de leitor cheia, anotada pela bibliotecária com os mais diversos títulos, datas de empréstimo e de devolução, e outra e mais outra: vaidade de leitor e prazer de leitura amalgamados. Ali estavam o ninho da serpente, o seu olhar, o corpo sinuoso e o seu terrível veneno.

Esse breve percurso, de cunho impressionista e metafórico, é para refletirmos sobre como a literatura se constrói em redes que envolvem o autor, o texto, a atmosfera histórica, o leitor e todas as imbricações que potencializam o ato de escrita e de leitura. Vejamos, a partir de agora, como se representa um autor, seu reduto de escrita, e onde repousam suas serpentes.

2 A biblioteca, seu dono, seus autores

Esse percurso impressionista também foi construído para prestar uma homenagem. A uma bibliotecária sem formação, mas nem por isso sem método e sem critérios de arquivamento: D. Conceição Lafeté¹, que, após a perda do filho amado, investiu na organização de tudo aquilo que lhe trouxesse uma lembrança de João Luiz Lafeté.

Eu já não me lembro a primeira vez que fui a sua casa, no centro histórico de Montes Claros, nem o que fui fazer lá. Sei apenas que havia um ovo de serpente que me atraía para aquele lugar. Sem nunca ter me visto, a bibliotecária apaixonada por literatura e por memória me recebeu com a hospitalidade ímpar norte-mineira como se já fôssemos amigos. Quanto tempo faz? Esqueci-me de anotar esses anos. Tenho retornado de vez em quando, para uma pesquisa, uma conversa, um café. Livros-serpentes me olham por entre sombras das estantes de maneira penetrante, e às vezes sou mordido, envenenado.

¹ Quando este texto foi escrito, D. Conceição Lafeté, mãe do crítico João Luiz Lafeté ainda estava viva, e nos recebia, com muito carinho e atenção, em sua casa, no centro histórico de Montes Claros, na rua de fundo da Igreja Matriz, onde ela organizara e catalogara os livros da biblioteca do seu filho, construindo, ali, uma memória viva, com sábia e consciente pretensão de preservação do acervo que o estudioso monteclarenses ajuntara.



João Luiz Machado Lafetá foi um professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Um dos principais estudiosos da obra crítica e poética de Mário de Andrade. Nasceu em 12 de março de 1946, em Montes Claros, norte de Minas Gerais. Faleceu em 19 de janeiro de 1996, na cidade de São Paulo. Suas obras conhecidas são *1930, a crítica e o modernismo*, e *A dimensão da noite e outros ensaios*, organizada postumamente, por Antônio Arnoni Prado. João Luiz Lafetá foi discípulo de Antonio Candido e um bom leitor de Silviano Santiago.

A sua biblioteca particular encontra-se em Montes Claros e possui milhares de títulos distribuídos entre várias nacionalidades. Machado de Assis, Cyro dos Anjos, Autran Dourado, Graciliano Ramos, e uma diversidade de autores brasileiros estão ali, organizados por D. Conceição. Lá encontramos um arquivo e as antigas fichas catalográficas que tanto me lembram a biblioteca de minha adolescência, na Escola Estadual Sant’Ana. Um ninho de serpente formidável, contendo fotografias, móveis, objetos pessoais, pequenas estátuas, recortes de jornais, manuscritos e tantos outros talvez ainda não revelados, o que merece investigação futura, com o assentimento da família.

Tenho me dedicado à leitura da produção literária de Autran Dourado, mas ainda não havia me deparado com uma antologia diferente, apesar de conter narrativas breves já publicadas em outros livros. Em uma aula da disciplina Crítica Literária Brasileira, um aluno discutia o livro *1930 – a crítica e o modernismo*, de João Luiz Lafetá, e me chamou a atenção, em sua ficha de apresentação do seminário, para a bibliografia em que constava *Os melhores contos de Autran Dourado*, antologia selecionada e prefaciada pelo crítico montesclareense.

Fui à casa de D. Conceição e lá encontrei e tomei de empréstimo o referido livro, contando sempre com a sua educação, gentileza e boa vontade. Li, avidamente, o texto-prefácio encomendado ao autor de *Figurações da intimidade*. Uma grande decepção, pois não vi nada do crítico que me despontou ao ler os tão bem escritos “À sombra das moças em flor”, sobre O



amanuense Belmiro e “As rodas da engrenagem”, sobre o romance *São Bernardo*.

Foi com esse abatimento que retornei à biblioteca da família Lafeté e perguntei a sua bibliotecária sentimental se não haveria alguma correspondência de Autran Dourado para João Luiz. Não havia, segundo ela, mas me descobriu um manuscrito extenso, no qual vislumbrei o acurado ensaio completo para a antologia dos melhores contos de Autran. A fascinação retornou e meus olhos brilharam. Inicialmente, pensava ter encontrado algo inédito, mas lembrei-me do livro organizado por Antônio Arnoni Prado, em *A dimensão da noite*, o qual reunia a “totalidade” dos textos produzidos por João Luiz Lafeté. Corri a ele e vi o texto publicado integralmente. Restava-me discutir, então, as duas publicações: a recortada para a antologia e a completa, do livro de Prado.

3 Documentos, armadilhas, fetiche

Em um ninho de serpente, se não há filhotes, há ovos muito bem guardados. Quase todos os livros de Autran estão ali, a maioria com dedicatória, variando entre “Com apreço e admiração” e “Com um abraço, seu admirador.” Pego cada um dos 20 livros e os folheio, com atenção, em busca das marcas de leitura. Quase em vão, se não fossem três anotações do nome “Demian” no livro *A barca dos homens* – as únicas marcas existentes em todos esses livros consultados – e um pequeno envelope amarelo colado do lado de dentro da capa do romance *Um cavalheiro de antigamente*, contendo meia folha de papel A4 com o esboço objetivo e preciso do que se tornaria o prefácio da antologia de contos, com o título de “Uma fotografia na parede”, por meio do qual realiza um percurso pelo Modernismo de 30 até chegar na produção ficcional de Autran e a analisar, de forma inédita.

O leitor João Luiz, ao anotar à margem do romance de Autran o nome “Demian” estaria recuperando uma memória individual de leitura, por associação com a personagem autraniana. Emil Sainclair é o protagonista



narrador do romance *Demian*, de Herman Hesse, criado até a adolescência sob os rígidos ensinamentos morais e cristãos transmitidos pelos pais – o mundo claro, de dentro da família; ao conhecer Demian no ambiente escolar e experimentar o crime e a violência, Sainclair adentra, também, no mundo sombrio e frio, o mundo de fora, vivenciando os embates desses conflitos. Na abertura do romance *A barca dos homens*, o narrador afirma:

Quantas vezes Luzia prometera levar os meninos ao Cemitério da Praia. Quando não queriam dormir, principalmente Margarida, que espichava o mais que podia o tempo acordado, Luzia vinha com o Cemitério da Praia, palavra mágica, objeto misterioso do lado escuro do mundo em que viviam. Havia o lado escuro e o lado claro, negrume e luz. Eles começavam a viver, eles começavam a viver a sua realidade. (DOURADO, 1999, p. 13. Os grifos constam na edição que João Luiz Lafetá tinha em sua biblioteca particular, revelando-nos suas marcas de leitura.)

Nessa passagem, o sublinhado exemplifica como João Luiz percebeu a ressonância da personagem hessiana, escrevendo à margem, a lápis, “Demian”. Recurso semelhante utilizou nas páginas seguintes, quando a lembrança retornava, nos trechos: “(...) Luzia, que era a vida de fora, a vida dos outros (...)”, e “ (...) o mundo dos pais, dos conceitos, do dever, da justiça, era todo luz; o dela, de que de uma certa maneira Luzia e Fortunato participavam, era a noite escura de solidão em que ela se afundava, perdida.” (DOURADO, 1999, p. 13 e 14 – grifos de João Luiz Lafetá). Curioso observar que o livro encontrado na biblioteca de João Luiz com essas anotações é uma edição do próprio autor Autran Dourado, de 1961, e não de uma grande editora.

O esboço encontrado em sua biblioteca, como já informamos, apresentava o título, com a pretensão de substituir o artigo indefinido “Uma” (riscado) pelo definido “A”; constam no esboço, também, a epígrafe de Mário de Andrade e um esquema dividido em 5 tópicos e respectivos subtópicos:

1. Autran Dourado, escritor modernista
 - 1.1. O modernismo como fenômeno cultural amplo
 - 1.2. A linguagem do cotidiano: a reelaboração de Autran
 - 1.3. Lirismo, sexo, humor: a “vida besta” e o sequestro regional



1.4. O mal-estar na cultura: do barroco mineiro até Mário de Andrade, a Freud.

2. Duas poéticas

2.1. O nada e nossa condição

2.2. Vocações com língua e sem língua

3. Três retratos: a malícia mineira

4. Manuela e Mr. Moore: técnicas de expressão do conflito

5. Modernização e violência

5.1. *Armas e corações*: a presença da violência

5.2. *De Ópera dos mortos*, *Lucas Procópio* e *Um cavalheiro de antigamente*, sem esquecer *A barca dos homens* e *Os sinos da agonia*.

5.3. Um Brasil passado, um Brasil presente: a violência da dominação que nos gerou e a violência da nova modernização e a importância do escritor.

O esquema revela-nos o método e a precisão do projeto do crítico; primeiro, ao pretender contextualizar Autran Dourado no esgarçado e tardio modernismo, demonstrando a sua vinculação a esse período literário – pelo trabalho com a linguagem popular, aproximando-a do povo – e, ao mesmo tempo, distanciando-o pelo lirismo, pelo humor e pela forte presença da psicanálise na constituição de personagens solitárias, loucas, incestuosas, narcísicas, ou com dupla personalidade. Por outro lado, apresenta o risco de, no mínimo, uma tese de doutoramento e não apenas o traçado de um ensaio. Notem que o item 5 e seus subitens propõem discussões sobre um livro de contos e de 5 romances. Por isso sua execução não foi plenamente contemplada, levando a editora Global a exigir o recorte do artigo inicial para a síntese tal qual foi publicado, já que não havia tanto espaço para a apresentação de uma antologia de contos, a qual não podia ultrapassar as duzentas páginas, conforme constatamos nas cartas trocadas entre João Luiz



Lafetá e Autran Dourado entre os possíveis meses de outubro de 1994 a junho de 1995.

O interesse do crítico modernista pela obra de Autran Dourado pode ter nascido em 1961, se o crítico montesclareense tiver adquirido o romance *A barca dos homens* na data de sua publicação. Se não, o correto é afirmar que esse interesse está vinculado à aquisição da novela *Uma vida em segredo*, edição de 1964, mas com assinatura do crítico na primeira folha em 18 de junho de 1965 (assinatura de João Luiz como marca de propriedade).

Por parte de Autran, a interlocução com João Luiz deve ter se efetivado a partir dos livros autografados, com dedicatórias, sendo a mais antiga a que consta em *O risco do bordado*, em 10 de julho de 1991. *Lucas Procópio* contém dedicatória em 1º de setembro de 1994; *Ópera dos fantoches* contém dedicatória em 5 de abril de 1995; *Vida, paixão e morte do herói* contém dedicatória em 11 de abril de 1995. À exceção da primeira dedicatória, as demais referem-se ao período em que os dois trocavam informações para a organização da antologia, conforme apontamentos das cartas de João para Autran, datadas de 15 de janeiro de 1995, 29 de março de 1995 e 29 de junho de 1995.

Na primeira, o missivista informa que ofereceria, na PUC-Minas, um curso de quatro dias sobre Graciliano Ramos e acusa o recebimento de uma carta de Autran datada de 06 de outubro (a qual ainda não tive acesso nem sei se resistiu às adversidades²). O então professor da USP reclamava da quantidade de trabalhos da pós-graduação que tinha para corrigir: “Me pegou numa hora ruim, quando estava mergulhado na correção de 50 trabalhos de pós (do semestre anterior) e preparando-me para fechar o segundo semestre.” E mais abaixo desabafa: “1994 foi um ano estressante.” Já nessa carta, percebemos o plano de trabalho do leitor e crítico, ao afirmar: “Já li os contos todos e tenho algumas ideias, inclusive para ensaio mais longo, que ultrapassará os limites

² Conforme afirmações de D. Conceição Lafetá, as correspondências de João Luiz foram dispersas na época em que se encontrava doente, hospitalizado. Muitas foram devolvidas aos remetentes; outras, teriam sido queimadas, a pedido do crítico.



da antologia. Agora estou mergulhado nos romances, que têm um tom diferente dos contos (não é mesmo?), e que preciso conhecer melhor para não distorcer a visão de conjunto do escritor Autran Dourado”.

Temos, pois, notícias das leituras e preparação para a escrita do ensaio-prefácio da antologia de contos autranianos, que o crítico planejava executar em março de 1995. No entanto, em carta de 29 de março desse ano, João Luiz a inicia informando: “Tenho trabalhado na antologia e refletido no prefácio que devo escrever para ela. Estou em grande atraso, sem dúvida, mas espero terminar logo, no máximo até 15 de abril.” Ainda na carta de 29 de março, João Luiz afirma que sempre gostara da obra de Autran, mas se penitencia por não ter percebido antes a sua importância:

Vendo-a agora em conjunto, contos e romances, percebo que é você o grande ficcionista mineiro de sua geração – geração aliás tão brilhante –, aquele que de sua maneira mais articulada e aprofundada explorou seus próprios veios temáticos e inventou sua própria e inconfundível linguagem.

Nessa carta, João Luiz apresenta a Autran os contos selecionados e justificando a sua escolha por meio de impressões e associações com outros autores e obras. Aspectos temáticos para o desenvolvimento do ensaio são apontados, de forma objetiva, como a poética ambígua e inquietante, o pastiche da linguagem, a ironia combinada com a força lírica, os retratos humorísticos de personagens, as tragédias familiares. Finalizando a carta, o missivista volta a refletir que o prefácio não daria conta de abarcar todas as suas discussões, prometendo um estudo três vezes maior: “Não é uma promessa para você, apesar do “envoi”, mas par ao CNPq, a quem prometi esse ensaio no interior de um conjunto que também o Drummond, Guimarães Rosa, Mário de Andrade e outros”.

Das cartas de Autran para João Luiz, tivemos conhecimento e acesso apenas àquela que responde a esses comentários acima, datada de 5 de abril de 1995, na qual o romancista concorda com a escolha feita, mas ponderando que a seleção de “O salto do touro”, capítulo-bloco independente de *O risco do*



bordado pudesse ser reavaliada, considerando a inter-relação que existe entre esse texto e os demais que constituem o romance em blocos:

“O salto do touro” não tem a autonomia solitária, como você diz bem de outros contos meus. Dizem que a questão dos gêneros está superada: estaria mesmo? Que tal substituí-lo por “Mr. Moore”, de Armas e corações? De que você diz gostar muito? O problema do pobre pastor Mr. Moore, que é assaltado pelo Mal, me parece uma das coisas mais bem resolvidas na minha obra.”

Na carta de 29 de março, o montesclarenses já havia escrito que tinha uma verdadeira fascinação pelas narrativas *Uma vida em segredo* e “Mr. Moore”, não os selecionando pela sua extensão – acima de 50 páginas, o que comprometeria a antologia encomendada dentro do limite de 200 páginas. O crítico apresentava o conto “Aquela destelhada” como da mesma linhagem da história da prima Biela. Não seleção final, vimos que “O salto do touro” foi, de fato, substituído por “Mr. Moore”.

Em 29 de junho de 1995, João escreve a Autran, encaminhando-lhe os textos afinal concluídos, e desabafando a sua insatisfação com os cortes realizados no ensaio para atender à exigência da editora:

Cortei a introdução, reduzindo-a ao tamanho combinado. Deixei o pedaço final, que você achou melhor, sobre o uso da psicanálise na construção dos contos. Mas é bem verdade que os cortes me deixaram insatisfeito: a sensação é a de que o texto ficou incompleto e quase incompreensível.

O crítico, mais uma vez, promete que, posteriormente, desenvolveria aquelas considerações, entrando em coisas substanciais da ficção de Autran Dourado, inclusive as de ordem psicanalítica, seguindo as perversões das personagens que habitam a mítica cidade de Duas Pontes, onde se passam praticamente todas as narrativas de Autran. O assunto é retomado no prefácio dos melhores contos e no ensaio “Uma fotografia na parede”, de forma abreviada. Segundo Lafetá:

Violetas e caracóis revela outro aspecto importante da obra de Autran, o conhecimento da psicanálise, cujos conceitos ele sabe manejar com perícia e delicadeza de artista, transformando-os em imagens e símbolos de estranha, mas enigmática beleza. A lição psicanalítica como que se reverte



aqui, de volta da luz da razão (com que Freud iluminou os movimentos obscuros da libido), para as trevas do inconsciente, onde nascem os nossos desejos, anseios, angústias, simples veleidades... (LAFETÁ, 2004, p. 408)

Os breves apontamentos de João Luiz Lafetá servem de impulso para que a obra de Autran Dourado possa ser discutida em outra perspectiva, mais abrangente, sobre a alma e a condição humana. Não por acaso, sua literatura pode ser aproximada da obra de Machado de Assis, na qual o mundo interior das personagens pode revelar mais do que o contexto em que estão inseridas. Não sendo objetivo deste ensaio, uma abordagem psicanalítica fica adiada para outra oportunidade.

Referências

- DOURADO, Autran. *Os melhores contos de Autran Dourado*. Seleção de João Luiz Lafetá. São Paulo: Global Editora, 1997.
- DOURADO, Autran. Carta datiloscrita com assinatura para João Luiz Lafetá. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1995.
- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. Organização de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Editora 34, 2004.
- LAFETÁ, João Luiz. Cartas digitadas sem assinatura para Autran Dourado. São Paulo, 15 de janeiro de 1995, 29 de março de 1995 e 29 de junho de 1995.
- LAFETÁ, João Luiz. Esquema manuscrito do ensaio-prefácio "Uma carta na parede", encontrado dentro do livro *Um cavalheiro de antigamente*, sem data.